

# **LUZ, CINEMATÓGRAFO E AÇÃO:**

## O Cine-Theatro Almeida como Espaço de Sociabilidade na Mossoró do início do século XX (1908-1933)



<https://doi.org/10.21680/1984-817X.2025v1n01ID38499>

Pedro Henrique da Silva Pereira

### **RESUMO:**

Este artigo é o resultado da participação do autor na edição 2024 da ANPUH-RN, intitulada “ANPUH-RN, 20 Anos de História: Desafios ao ofício do historiador (a) na contemporaneidade”. O objetivo deste artigo é discutir as diferentes sociabilidades e a disputa de narrativas que giravam em torno do Cine-Theatro Almeida Castro, o primeiro cinema de rua mossoroense e possivelmente o primeiro do estado do Rio Grande do Norte. Para tanto, foram analisados jornais e literatura memorialista, com o intuito de identificar as motivações de diferentes grupos sociais em relação a esse espaço, além de examinar a disputa pela memória do cinema e de seus arredores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cinema de Rua; Espaços de sociabilidade; Mossoró; Modernidade.

LIGHT, CINEMATOGRAPH AND ACTION: The Almeida Castro Cine-Theater As A Space Of Sociability In Mossoró At The Beginning Of The 20th Century (1908-1933)

### **ABSTRACT:**

This article is the result of the author's participation in the 2024 edition of ANPUH-RN, entitled “ANPUH-RN, 20 Years of History: Challenges to the historian's profession in contemporary times”. The aim of this article is to discuss the different sociabilities and the dispute over narratives surrounding the Cine-Theatro Almeida Castro, the first street cinema in Mossoró and possibly the first in the state of Rio Grande do Norte. To this end, newspapers and later memorialist literature were analyzed in order to identify the motivations of different social groups in relation to this space, as well as to examine the dispute over the memory of the cinema and its surroundings.

**KEYWORDS:** Street Cinema; Spaces of sociability; Mossoró; Modernity.

### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

## Introdução

Considerado um dos primeiros filmes da "sétima arte", *L'Arrivée d'un train en gare de La Ciotat* (1895), no Brasil, A chegada do trem na estação, é uma das primeiras exibições da nascente arte cinematográfica. Dirigido pelos irmãos Auguste e Louis Lumière, a obra de 42 segundos, que retrata a chegada de um comboio francês a uma estação ferroviária, causou furor em sua primeira exibição, criando pânico nos espectadores que presenciaram aquela tecnologia que surgia.

Diferente das expressões artísticas que já existiam, o cinema nasce altamente vinculado à expansão tecnológica e aos ideais de progresso que figuravam na Europa do final do século XIX. O mecânico, a máquina e a arte já começam a se entrelaçar com o advento da fotografia, mas, com o cinema, isso vai atingir patamares ainda maiores, como aponta Walter Benjamin em *A obra de arte na era de sua reproduibilidade técnica* (1936), ao dizer que a reprodução mecânica na obra cinematográfica vai constituir “fundamento imediato na técnica de sua produção” (BENJAMIN, 1936; 1987, p.172). Sendo assim, não é de surpreender que, ao longo de sua história, o cinema e seus exibidores estejam sempre buscando se alinhar, romper ou antecipar as inovações tecnológicas do campo, seja nos meios de produção, exibição ou difusão.

Extremamente popular, não demorou muito para a invenção dos Lumière começar a alçar voos globais, com o Brasil já tendo sua primeira transmissão em 1896, no Rio de Janeiro, à época capital nacional e cidade espelho da modernidade brasileira. Contudo, com a difusão da sétima arte pelo país, é preciso entender que a modernidade que a acompanhava não se espalhou de maneira ordenada e/ou homogênea. Para entender a chegada dessa modernidade, o historiador Gerválio Batista Aranha é fundamental, pois, para ele, a modernidade chega de maneiras diferentes em cada região do Brasil, com a região Norte (considerada na época o que hoje entendemos como Norte e Nordeste) sendo caracterizada “(...) *menos por cenários urbanos marcados pela agitação frenética no cotidiano das ruas com seu ‘rush’*”

## ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

característico, e mais por uma ou outra novidade vinda do estrangeiro (...)" (ARANHA, 2001, p.254). Ou seja, para que uma cidade se considerasse civilizada e à frente de seus pares na região Norte, era necessário principalmente a aquisição de algumas das novidades relacionadas ao moderno. Quanto a essas novidades, Aranha as chama de "*Signos da modernidade*", que se referem às comunicações, aos transportes, ao conforto, à vida elegante e/ou ao entretenimento, incluindo o cinema e uma vida pública noturna efervescente.

Como outras cidades da época, Mossoró não escapou da febre da sétima arte. Possuindo um porto movimentado, uma praça comercial rentável e uma linha férrea no horizonte, a capital do Oeste potiguar<sup>3</sup>, naquele período, despontava como uma propagadora da modernidade na região. Seus grandes feitos serão narrados para a posteridade principalmente por duas vertentes: a produção jornalística e a literatura memorialista.

Com a análise dessas fontes, este artigo tem como objetivo discutir o antigo Cine-Theatro Almeida Castro como um espaço de sociabilidade, buscando entender como a disputa de narrativas em torno dele produzirá práticas e relações sociais que transformarão o espaço urbano de seu entorno. Para isso, serão analisadas obras selecionadas da produção literária memorialista de Raimundo Nonato e Câmara Cascudo, além de notícias avulsas do jornal *O Mossoroense*, entre 1908, possível fundação do cinema, até 1933, ano da chegada do cinema sonoro no Oeste potiguar, além do cruzamento com outros documentos públicos do período, como uma planta de 1926 produzida pela intendência municipal. Entretanto, é preciso primeiro entender a cartografia do espaço urbano mossoroense do período, assim como o contexto histórico ao qual a cidade estava submetida, o que refletirá exponencialmente na forma como a memória local será escrita na posteridade.

---

<sup>3</sup> Nome fantasia que, assim como *País de Mossoró*, vai ser utilizado pelo poder público no cotidiano para diferenciar-se de seus pares do interior e aproximar-se da capital estadual, Natal.

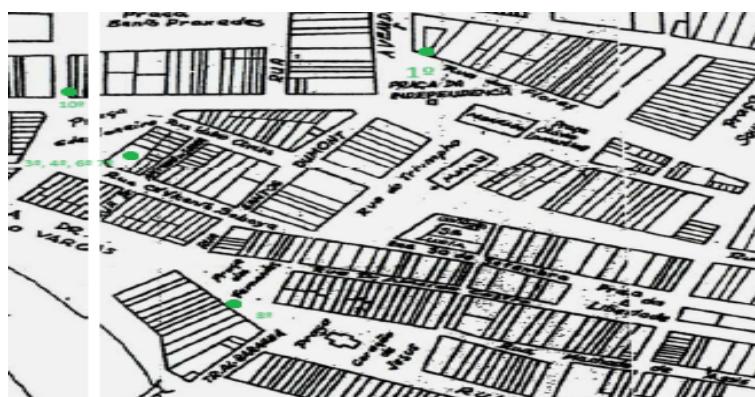
#### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Para isso, ao tratar os cinemas de rua enquanto espaços de sociabilidade, torna-se necessária uma interdisciplinaridade, principalmente dos conceitos advindos da sociologia e da geografia. Mas, primeiro, é preciso salientar que muitos desses empreendimentos funcionavam em locais privilegiados no centro da cidade. Mesmo assim, usando as ideias de Gomes e Pereira (2020), o cinema de rua aqui será caracterizado como um “cinema que traz uma proposta mais inclusiva, tanto no que se percebe nos valores dos ingressos como também na disposição de filmes em seu catálogo” (GOMES; PEREIRA, 2020, p.170). Ou seja, deve-se cobrar um valor de ingresso, mas ainda assim ser financeiramente acessível para a maioria da população.

Sobre a distribuição espacial desse cinema, as ideias de espaço urbano, na visão do geógrafo Roberto Lobato Corrêa, serão fundamentais, colocando o espaço urbano como caracterizado por ser “fragmentado, articulado, reflexo, condicionante social, cheio de símbolos e campo de lutas” (CORRÊA, 1989, p.11). Os cinemas de rua, enquanto partes de um distrito especializado (o de diversões e hotéis), passam a ser entendidos como entes fixos em um espaço urbano centralizado. Sendo assim, podem ser considerados agentes modeladores do espaço.

**Figura 1** - Excerto da planta produzida em 1926, com o número 1º representando o Cine Theatro Almeida Castro e os outros números representando os outros cinemas.



Na planta acima, encomendada pelo prefeito Rodolfo Fernandes no ano de 1926, percebe-se que todos os cinemas estão próximos aos grandes pontos de circulação de pessoas, como a igreja matriz e o mercado público. Além disso, observa-se que eles estão de frente para grandes praças e boulevards (outro símbolo do moderno), configurações que irão se repetir em quase todas as próximas salas a serem abertas posteriormente. Ao cruzar a planta com o livro de Raimundo Nonato, *Ruas, caminhos da saudade* (1973)<sup>4</sup>, o autor afirma que, por trás de seu cinema, havia uma rua, chamada popularmente de “canhão de Chico Amâncio”, onde era comum a ocorrência de baixo meretrício, mas cuja atividade fora combatida pelo poder público municipal. Com isso, percebe-se que já havia uma narrativa permeando aquela espacialidade antes mesmo da instalação da atividade cinematográfica.

Quanto à sociabilidade, é importante ressaltar as contribuições de Goes (2015) e Simmel (1983): o primeiro, para entender a cidade enquanto um recorte espacial que sofre as alterações das iniciativas modernizadoras graças à interação social dos indivíduos daquela região, e o segundo, para definir a sociabilidade a partir da existência de formas sociais de interação, caracterizadas por colaboração e cooperação. Entrelaçando com Corrêa, os cinemas de rua, como espaços de sociabilidade, serão entendidos como um produto e representação da própria cidade; espaços de lazer na vida urbana cotidiana que são construídos e mantidos para exercer o papel de reflexo da população e da própria cidade, estimulando e sendo estimulados por narrativas externas e internas, que moldam o espaço urbano ao seu redor e também as relações políticas, sociais e culturais daquele entorno.

### **Os memorialistas e a construção de Mossoró: o passado que persiste.**

Erigida nas margens do Rio Apodi-Mossoró e defronte à igreja de Santa Luzia, Mossoró é uma cidade cuja história é datada no tempo e enclausurada a sete

<sup>4</sup> NONATO, Raimundo. **Ruas, caminhos da saudade.** Coleção Mossoroense, Série “C”, Volume [...], p.128, 1973.

### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

chaves pelo poder público municipal. Através de rememorações festivas anuais e da produção de obras memorialistas, as oligarquias locais vão construir e alimentar o imaginário de um passado glorioso para a cidade, mas cujos eventos formadores quase nunca saem do intervalo que vai dos anos finais do século XIX aos anos iniciais do século XX. Junto dessa produção cultural, uma adjetivação da população vai ser conceituada, que em Mossoró vai ser a de resistente, libertadora, pioneira e/ou desbravadora. Diferente de outras localidades do Rio Grande do Norte, esses adjetivos vão ser construídos e embasados nos alicerces do tetraréu da liberdade mossoroense: O Motim das Mulheres<sup>5</sup> (1875), a Abolição da escravidão (1883), o primeiro voto feminino da América Latina (1927) e a resistência ao bando do cangaceiro Lampião (1927).

Essa construção do passado mossoroense vai ser obra de duas entidades políticas locais distintas: o jornal *O Mossoroense*<sup>6</sup> e a *Coleção Mossoroense*<sup>7</sup>. Mesmo sendo empreendimentos com finalidades diferentes, um jornalístico e um editorial, ambos vão possuir objetivos semelhantes: a construção da História de Mossoró e a inserção de seus idealizadores nela (respectivamente a família Escóssia e a família Rosado), seja como participantes ou como os guardiões dessa memória. As estratégias de ambas as famílias para se inserirem no passado da cidade vão ser semelhantes. Segundo Falcão (2018), esses clãs familiares vão relacionar o passado “glorioso” da cidade ao presente, inserindo-se naqueles acontecimentos através de seus patriarcas, aqui sendo Jeremias da Rocha Nogueira e Jerônimo Rosado, ou relacionando seus feitos aos feitos de outrora, como a construção de obras contra a seca e a ferrovia.

Concomitante a isso, vai haver ao longo da primeira metade do século XX um longo e trabalhoso processo de resgate da memória e da documentação oficial

<sup>5</sup> Evento que celebra a revolta das mulheres mossoroenses e a queima do livro de recrutamento para a Guerra do Paraguai.

<sup>6</sup> Jornal mais antigo da cidade, tendo origem em 1872, entretanto, a fase aqui analisada será de 1902 até 1932.

<sup>7</sup> Empreendimento editorial encabeçado pela família Rosado em 1958 para publicar e divulgar estudos científicos e culturais sobre a cidade.

#### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

da cidade, com destaque aos remanescentes do fenômeno abolicionista local, cujas memórias e ofícios vão ser publicados tanto nos jornais quanto nas obras memorialistas da *Coleção Mossoroense*. Com isso, esses empreendimentos vão servir como meios de divulgação e ferramentas impulsionadoras do processo de monumentalização desses antigos documentos<sup>8</sup>. Consequentemente, as páginas do próprio jornal também são monumentalizadas, agora sendo vistas e se colocando como resgatadoras e guardiãs dessa memória. Dessa forma, o periódico e a *Coleção Mossoroense* vão promover essas narrativas para a população, construindo uma associação dela com adjetivações no presente, como libertária e pioneira.

Essas ligações diretas e indiretas com a abolição vão ser utilizadas pelas duas famílias como uma narrativa implementada pelo poder público, na qual vai se alicerçar a identidade da cidade, de sua classe política e de sua população. Afinal, como apontou Jacques Le Goff: “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 1990, p.476). Contudo, como vai apontar Le Goff em sequência, ela também é um instrumento e um objeto de poder, sendo na transição do conhecimento oral para o escrito onde irá ocorrer a disputa pela recordação e pela tradição. Ao aliar esses documentos resgatados com entrevistas dos remanescentes da efeméride de 1883, O Mossoroense e a Coleção Mossoroense vão moldar a história da municipalidade e dar um caráter menos contestatório às narrativas cristalizadas em suas páginas.

Como parte desse confronto de discursos e narrativas, o calendário cívico municipal, com destaque para o 30 de Setembro, vai se tornar o palco onde vão ser edificados os ideais civilizatórios da urbe no início do século XX. Com isso, as datas comemorativas serão reservadas para anúncios, inaugurações e outras transformações do urbano referentes à construção de espaços e monumentos.

<sup>8</sup> Sobre a monumentalização, ver LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

#### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Nesses momentos de celebração pública vão emergir uma série de sociabilidades modernizadoras que serão fomentadas nas festividades que ocorrerão naqueles espaços, podendo ser exibições teatrais, cinematográficas, desfiles, procissões e outras mais, todas elas anunciadas com antecedência pelo jornal e com o propósito de refletirem a prosperidade, o progresso e a identidade da cidade e dos cidadãos.

**A modernidade às avessas: a ilusão dos memorialistas e a dura realidade dos jornais.**

Como um importante empório comercial da região, Mossoró já se destacava no Rio Grande do Norte como uma importante praça de negócios no alvorecer do século XX. Com um comércio baseado na exploração das salinas de Areia Branca, da extração da cera de carnaúba e do descaroçamento de algodão, a urbe passou por um crescimento populacional acelerado desde que atingiu o status de cidade em 1872. Segundo Raimundo Nonato em seu Evolução Urbanística de Mossoró (1983), a cidade vai passar por reformas urbanas a partir de 1881, com a intendência desapropriando e destruindo os casebres que “afeiavam a cidade” (NONATO, 1983, p.26). Além disso, mais ruas vão ser abertas e mais praças vão ser construídas, com a cidade em 1883 possuindo dezessete (17) ruas, dois (2) largos, sete (7) praças e sete (7) travessas (Nonato, 1983, p.30).

**Figura 2** - fotografia do logo do jornal o mossoroense datado do ano de 1902.



Disponível no acervo do Museu Histórico Lauro da Escóssia.

**ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Entretanto, durante a narração gloriosa da organização urbana de Mossoró não ser encontradas fissuras até mesmo na literatura memorialista de Nonato, com a intendência negando a compra de lampiões a querosene por considerar um luxo desnecessário, com Mossoró só recebendo esse advento em 1896, treze (13) anos depois. Em sua obra, *Notas e documentos para a história de Mossoró* (1955), Luís da Câmara Cascudo aponta a total ausência ou deficiência de outros desses signos da modernidade mencionados por Aranha. A linha férrea, idealizada desde a década de 1870 por Ulrich Graf, só vai sair do papel em 1912, após ampla mobilização do O Mossoroense, que chegou a colocar um trem na sua própria logo como meio de mobilização pública, além de possuir uma coluna em quase todas as edições entre 1908 e 1910 para mobilizar a população em prol dessa empreitada.

Ao tratar de Recife, considerada a maior metrópole do Norte na época, Aranha (2001) afirma que toda cidade “civilizada” deve ter uma vida noturna consolidada, ou seja, entretenimento cotidiano. Para isso, utiliza a instalação do primeiro cinema permanente na cidade, em 1909, como marco do início dessa vida noturna estabilizada, quebrando a dependência que a cidade tinha de companhias itinerantes de cinema e teatro. Em Mossoró, embora já exista desde 1873 uma companhia teatral, o Recreio Dramático Familiar, e um theatro obscuro chamado Santa Luzia<sup>9</sup>, a atividade teatral e cinematográfica só será parte do cotidiano dos mossoroenses com a inauguração do Cine-Theatro Almeida Castro, em 1908, nas dependências do Grande Hotel. Contudo, assim como seu predecessor, seu início será cercado de obscuridade e lacunas.

Seja na produção literária de Cascudo (1955) ou na de Nonato (1973), ambos afirmam que o Almeida Castro foi fundado em dezembro de 1908. Outra semelhança nas narrativas dos dois é a de que o cinema funcionava como um

---

<sup>9</sup> Pouquíssimas informações sobre esse teatro foram encontradas nas fontes historiográficas mossoroenses, somente sabendo-se que ele funcionava na antiga Rua do Teatro e que os moradores precisavam levar as próprias cadeiras para prestigiar o espetáculo (NONATO, 1973, p. 89)

#### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

empreendimento clandestino, cujas fitas vinham de forma ilegal da praça comercial de Aracati, e que os mossoroenses só sabiam que haveria espetáculo na noite se ouvissem foguetões estampindo na escuridão da noite; dois para comédia e um para drama (CASCUDO, 1955; 2010, p.167).

Todavia, ao analisar as edições do jornal *O Mossoroense* de dezembro daquele ano, não é possível encontrar nenhuma menção ao empreendimento cinematográfico ou qualquer indício de sua existência. O Cine Almeida Castro e seu fundador, Francisco Ricarte, só começam a ser mencionados nos jornais em 1911, quando, na edição de 29/10/1911, foi noticiada a aquisição de um cinematógrafo e a organização de um concurso que mobilizou as moças da cidade para escolherem o nome daquele empreendimento, o que obteve ampla participação popular.

**Figura 3** - fotografia do antigo Grande Hotel<sup>1011</sup>.



Disponível no acervo do Museu Histórico Lauro da Escóssia.

Já na edição 269, datada de 30/11/1911, é anunciado o resultado do concurso promovido por Freitas & Epaminondas em parceria com o jornal, para

<sup>10</sup> Datação da imagem não é possível, entretanto acredita-se que seja anterior a 1940.

<sup>11</sup> Segundo as fontes, o cinema funcionava no acesso pelas duas portas à direita da imagem.

#### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

escolher o nome do cinema. Contabilizando 93 cupons ao todo, foi escolhido o nome Almeida Castro para o cinema, e um prêmio foi sorteado entre as 14 vencedoras que escolheram aquele nome, dando a entender que 93 pessoas participaram do concurso, o que demonstra uma ampla mobilização entre as mulheres da cidade.

Após a sua inauguração “oficial”, as primeiras notícias do jornal sobre o cinema foram entusiasmadas com a sua chegada, destacando-o como um grande ganho para a cidade<sup>12</sup>, além de relatar em pequenas notas frequentes nas edições seguintes, na primeira página, sobre o sucesso de público que ele vai possuir.

Entretanto, mesmo com os elogios, notícias referentes a defeitos na eletricidade vão se tornar recorrentes junto aos elogios, apontando como um dos principais problemas que vão afetar a experiência dos espectadores<sup>13</sup>. Esses apontamentos vão ser tão contundentes que a estação de energia elétrica vai ser instalada na rua por trás do Cine-Theatro, podendo ter sido fruto da campanha constante dos proprietários nos jornais de que essa era sua maior preocupação com a continuidade do negócio. Nessa mobilização de Freitas & Epaminondas, o clamor por energia elétrica se inicia nas páginas do jornal, afinal, como alerta Aranha (2001), somente possuir esses signos não faz com que uma cidade deixe de ser vista como atrasada; é necessária uma junção de fatores sociais, políticos, econômicos e da mentalidade da população. Esse último fator sendo o mais difícil de se controlar, e vai ser o que o jornal O Mossoroense vai entrar com mais afinco.

### **Cinema moderno, plateia atrasada: o Mossoroense e o controle dos comportamentos.**

---

<sup>12</sup> Jornal O Mossoroense, 02-12-1909, n° 216, p. 4, c. 3.

<sup>13</sup> Jornal O Mossoroense, 13-05-1912 n°279, p. 1 c. 2.

Jornal O Mossoroense, 30-05-1912 n°28?, p.1, c. 2.

Jornal O Mossoroense, 12-06-1912 n°287, p.4, c. 4.

Jornal O Mossoroense, 30-06-1912 28?, p.1, c. 3.

### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Ao tratar sobre as narrativas da modernidade expressas no Jornal *O Mossoroense* entre 1872 à 1930, Fernandes (2009) irá observar sobre os cinemas como um objeto moralizante nas páginas do periódico. Nessas páginas, através de seus editoriais, o jornal tem como pretensão a de conduzir e/ou reprimir comportamentos na população, sendo notadas rotineiramente crônicas<sup>14</sup> sobre como os cinemas locais deveriam ser a casa dos bons costumes e que refletissem a população. Contudo, o comportamento daqueles “incapazes de viver em vida pública”<sup>15</sup> que frequentam suas dependências é reprovável e uma mancha na imagem da cidade para os estrangeiros. O editorial termina conclamando a população mossoroense para uma mudança nos costumes: morais, sociais e comportamentais.

Ao presenciar alguns jovens aplaudindo “ruidosamente”<sup>16</sup> logo após o término de uma exibição, o editorial vai insinuar que esse comportamento não é visto nas “platéias mais adiantadas”. Além disso, havia nos editoriais constantes comentários sobre a “classe plebéia”, e os outros grupos de indivíduos “inferiores” que apareciam nos cinemas demandando favores. Como exemplo, podemos pensar na mobilização dos trabalhadores sindicais da construção, que queriam utilizar a sirene do Grande Hotel, localizado numa posição central da cidade, como aviso do fim da jornada de trabalho, o que foi negado pelos donos com medo de “desagrurar a burguesia”<sup>17</sup>, essa que chegava a patrocinar ou fornecer exibições especiais, como anunciado em três edições distintas em 1916<sup>18</sup>, 1917<sup>19</sup> e 1918<sup>20</sup>.

Essa burguesia, frisando aqui a oriunda da exploração salineira, vai ser uma dessas principais patrocinadoras das atividades culturais, afinal, o negócio salineiro

<sup>14</sup> Não vão ser encontradas colunas específicas sobre o cinema.

<sup>15</sup> Jornal *O Mossoroense*, 28-11-1919, n° 566, p. 1, c. 3.

<sup>16</sup> Jornal *O Mossoroense*, 31-10-1917, n° ???, p. 2, c. 6.

<sup>17</sup> FERREIRA, Brasília Carlos. O sindicato do Garrancho. Coleção mossoroense, Mossoró, Série “C”, 2<sup>a</sup> ed., p. 107, jan. 2000.

<sup>18</sup> Jornal *O Mossoroense*, 31-10-1916, n° 43?, p. 4, c. 2.

<sup>19</sup> Jornal *O Mossoroense*, 24-10-1917, n° 464, p. 1, c. 3.

<sup>20</sup> Jornal *O Mossoroense*, 08-05-1918, n° ???, p. 4, c. 2..

#### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

na cidade vizinha de areia branca era tão forte que o Almeida Castro chegou a abrir uma filial lá, como noticiado na edição do dia 19/10/1912<sup>21</sup>. Como comprovação dessa atuação da classe burguesa das salinas, eles vão financiar as exibições especiais para a “segunda classe” durante as comemorações do centenário da morte do Padre Miguelinho, com a cidade preparando uma série de procissões e filmes feitos especialmente para essa ocasião<sup>22</sup>.

Essas notícias acima vão se relacionar com uma outra reportagem anterior, datada de 27-02-1915, onde vai dar a entender com o cinema de rua, em especial o Almeida Castro, vai funcionar como um grande centro cultural e de reunião, tanto para a elite quanto para a “segunda classe”<sup>23</sup> (termo pela primeira vez utilizado pelo jornal). Nisso, devemos lembrar da rua por trás do cinema que era conhecida pela anuência do meretrício, que vai deixar de ter essa característica conforme as famílias mais abastadas se mudam para as redondezas, findando a morte social do Canhão de Chico Amâncio e a expulsão daquelas mulheres daquele espaço.

Mesmo assim, o jornal vai se utilizar amplamente da popularidade do cinema para mercantilizar o público alvo, gerando uma coluna que durou de novembro de 1919 a outubro de 1920 chamada *Palcos & Festas*, onde apresentava as principais novidades do teatro e do cinema em Mossoró. Outro meio de capitalizar esse boom do cinema foi a venda de álbuns de postais com a face de atores famosos, com o objetivo da população em colecionar essas gravuras.

Em consequência de tudo relatado, percebe-se um esforço do *Mossoroense* em tornar o cinema essa instituição voltada ao progresso e a moral; um agente educativo e que deve existir para ensinar e reprimir comportamentos errados em prol da pretensa modernidade da cidade. Entretanto, conforme a batalha de narrativas continua a se mostrar ineficaz, o Cine-Theatro Almeida Castro vai sumir

<sup>21</sup> Jornal O Mossoroense, 19-10-1912, n° ???, p. 3, c. 1.

<sup>22</sup> Jornal O Mossoroense, 12-06-1917, n° 446, p. 1, c. 2.

<sup>23</sup> Jornal O Mossoroense, 27-02-1915, n° 38?, p. 1, c. 3.

#### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

do jornal a partir de 1920, ficando até 1925 sem nenhuma menção a arte cinematográfica nas páginas do *Mossoroense*, sendo mencionado novamente na edição de 22/11/2025, onde vai ser chamada de antro de arte “vulgar, corrupta e vernal”<sup>24</sup> e o editorial vai reiterar que Mossoró já teve um cinema, mas que na data da publicação, ele já não existe mais.

### **Considerações finais**

Nas ideias de Corrêa, o espaço irá agir como um reflexo da sociedade, já que neste estão impressas as ações humanas; complementar a isso, o espaço também carrega a função de ser condicionante das ações humanas, já que suas obras vão interferir no mesmo. Sendo assim, entende-se que o Cine-Theatro Almeida Castro vai ser necessário para Mossoró se ver como uma cidade moderna. Sendo ele, além de um reflexo da própria sociedade que está inserido, um condicionante das ações do homem e dos agentes sociais do período.

Ao relacionar as narrativas presentes na literatura memorialista com os jornais, é possível perceber como a memória que persiste nessas obras vai ser distinta, ambas se complementando, mas também lutando em prol de qual versão vai se sobrepor a outra. Enquanto os memorialistas lançam os cinemas de rua, e o Almeida Castro, a posteridade como uma engrenagem gloriosa da trilha mossoroense rumo ao progresso, o jornal vai tentar controlar esses espaços, seja criticando ou favorecendo os grupos que participam daqueles espaços.

No fim, ambas lutam pela preservação de uma memória cristalizada de um passado que privilegia a classe dominante, não abrindo espaço para o desviante, o divergente e nem para o que não agrada a classe dominante. Sendo assim, antes de analisar o espaço político, econômico e social que perpassa Mossoró e seus cinemas no despertar do século XX, precisa-se entender como essa memória sobre eles foi

---

<sup>24</sup> Jornal O Mossoroense, 22-11-1925, nº ???, p. 1, c. 2..

### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

construída e projetada, pelas mãos de quais agentes, que objetivos tinham em mente quando colocavam o holofote sobre ou quando silenciavam esses espaços, e como é possível navegar através da sua natureza dispersa, unilinear, deformada, cheia de sombras e de vultos dos indivíduos do passado.

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire**: um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas e documentos para a História de Mossoró**. 5º ed. Mossoró: Fundação Guimarães Duque. 2010.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo, Ática, 1989.
- FALCÃO, Marcilio Lima. **No labirinto da memória: fabricação e uso político do passado de Mossoró pelas famílias escóssia e rosado (1902-2002)**. 2017. Tese (doutorado em história social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- FERNANDES, Paula Rejane. **Mossoró: uma cidade impressa nas páginas de O Mossoroense (1872-1930)**. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, Programa de pós-graduação em História. Campina Grande - PB, 2009.
- FERREIRA, Brasília Carlos. **O sindicato do Garrancho**. Mossoró. 2ª edição. Coleção mossoroense.
- Jornal O Mossoroense: 1908-1936. Disponível no acervo do Museu Histórico Lauro da Escóssia.
- GOES, A. G. S. **Espaço, tempo e sociabilidades na cidade**. Interfaces Científicas, Aracaju, v. 4, n. 1, p. 76-87, out. 2015.
- GOMES, Deyvson Ivam do Nascimento; PEREIRA, Renan Farias. **O cinema de rua como um elemento de afirmação dos direitos culturais e humanos**. Revista Estudantil Manus Iuris, Mossoró, RN. Disponível em: <https://periodicos.ufersa.edu.br/rmi/article/view/9920>. Acesso em: 22 nov. 2024.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, Editora da UNICAMP, 1990.
- NONATO, Raimundo. **Ruas, caminhos da saudade**. Coleção Mossoroense, Série “C”, Volume[...], 1973.
- SIMMEL, G. **O problema da sociologia**. In: MORAES FILHO, E. (Org.) Simmel. São Paulo: Ática, 1983. Pp. 59-68.

## ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade